

A Voz da Nossa Memória É Papel que Não Se Queima: Uma Análise do Episódio 1 - De Onde Sua Família Veio? - do Podcast Vidas Negras, de Tiago Rogero¹

Dezwith Alves de Barros²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

A partir da reflexão de alguns autores africanos acerca da importância da memória, da oralidade e da fala para os processos de manutenção da tradição histórica de seus povos, utilizando como instrumento uma proposta metodológica baseada na fala e na escuta, este trabalho tem como objetivo analisar os aspectos relacionados à importância da memória e da oralidade em destaque no Episódio 1 do Podcast *Vidas Negras*, da Rádio Novelo, apresentado por Tiago Rogero, com ênfase para os trechos em que a escritora carioca Eliana Alves Cruz explica o processo de criação do seu livro *Água de barreira*, que conta a história da árvore genealógica de sua própria família.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Podcast Vidas Negras; Tiago Rogero; Memória; Oralidade.

INTRODUÇÃO

Por mais grafocêntrica que a civilização ocidental seja, desde os primeiros anos do Século XXI, com o avanço da tecnologia e a hiperpopularização de dispositivos móveis com funções de reprodução de mídias audiovisuais cada vez mais desenvolvidas, muito tem se discutido (Carvalho; Saldanha, 2018; Silva 2019, entre outros) acerca da validade informacional dos conteúdos propagados por meio desses novos recursos midiáticos em formato sonoro (podcasts, audiolivros, etc.) ou audiovisual de modo geral (videocasts, vídeos do YouTube, etc.).

Nesse cenário, defende-se aqui, não só a investigação e a tomada como *corpus* de conteúdos em áudio, mas também um modo de fazer pesquisa – ou seja, uma metodologia – pautado na escuta e (por que não?) na fala (afinal, nenhuma pesquisa repercute apenas via texto escrito). Tal método ganha endosso a partir da percepção da importância da fala para a maioria das culturas tradicionais africanas, como vê-se na reflexão cosmogônica do escritor e *griot* malinês Amadou Hampaté Bâ (2010). No trecho a seguir, considerando

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT16) Estudos em Podcast, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor Permanente Nível V na Rede Básica de Ensino do Governo do Estado do Rio Grande do Norte – SEEC/RN. Doutorando em Estudos da Mídia pelo PPgEM-UFRN. Mestre em Literatura Comparada pelo PPgEM-UFRN. Graduado em Letras Português, Inglês e respectivas literaturas pela UFRN. E-mail: dezwith.barros.089@ufrn.edu.br

a relação entre Maa Ngala (criador supremo) e Maa (primeiro homem), o autor explica o seguinte:

Maa Ngala, como se ensina, depositou em *Maa* as três potencialidades do poder, do querer e do saber [...]. Mas todas essas forças [...] permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela Palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. Assinalemos, entretanto, que, neste nível, os termos ‘falar’ e ‘escutar’ referem-se a realidades muito mais amplas do que as que normalmente lhes atribuímos. De fato, diz-se que: ‘Quando *Maa Ngala* fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala’. [...] A fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la. É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio. Diz o adágio malinês: ‘O que é que coloca uma coisa nas devidas condições (ou seja, a arranja, a dispõe favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala’. A tradição, pois, confere a *Kuma*, a Palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana. (Hampaté Bâ, 2010, p. 171-173)

Frente a isso, utilizando como instrumento essa proposta metodológica baseada na fala e na escuta, este trabalho, originado de uma pesquisa de doutorado ainda em desenvolvimento, tem como objetivo analisar os aspectos relacionados à importância da memória e da oralidade em destaque no Episódio 1 do Podcast *Vidas Negras*, da Rádio Novelo, apresentado por Tiago Rogero, com ênfase para os trechos da participação da escritora carioca Eliana Alves Cruz³ no programa.

Desse modo, invocamos os saberes de Tiago Rogero e de Eliana Alves Cruz, esses dois *griots*⁴ contemporâneos, que vêm sendo vozes e porta-vozes das histórias de resistências e de potências do povo preto que, desde que essa terra passou a ser chamada de Brasil (vermelho como brasa), foi responsável por praticamente tudo de bom que nela se fez e se faz.

³ Além da Eliana Alves Cruz, o episódio tem como protagonista a escritora mineira Carolina Maria de Jesus, autora do best-seller *Quarto do despejo*, falecida em 1977. Para falar sobre a vida e obra da autora, Tiago Rogero conversa com Vera Eunice (filha de Carolina) e Tom Farias (biógrafo oficial da escritora). Dada a limitação deste formato de resumo expandido e a capilaridade inerente ao universo em torno de Carolina Maria de Jesus, optei por deixar para explorar esse aspecto do episódio em produções acadêmicas futuras.

⁴ Em diversas culturas tradicionais africanas, o *griot* pode ser compreendido como aquele que torna perpétua as histórias ancestrais e as genealogias de seus povos e a dos outros (Lopes, 2019, p. 9).

O SOM DO TAMBOR PARA COMEÇAR

Difícilmente passará despercebido ao ouvinte o batuque espaçado e desritmado de tambores (mais precisamente de atabaques) que fazem fundo à voz aveludada do locutor durante os primeiros quatro minutos do episódio de estreia do *Vidas Negras*, série de podcasts original *Spotify*, que foi ao ar no dia 04 de novembro de 2020 (no auge da pandemia de Covid-19). O dono dessa voz é Tiago Rogero, mineiro, torcedor do Galo, jornalista e premiado produtor de podcasts afrocentrados, com destaque para o *Vidas Negras* e o *Projeto Querino*, este último vencedor do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de 2023. Voltando ao episódio 1 do *Vidas Negras*, os tambores só se calam quando o Tiago para de falar sobre o apagamento histórico das origens genealógicas de todos os afrodescendentes e, em tom irônico, passa a narrar a indignação dos ex-senhores de escravos com a tal abolição da escravatura. Durante a narração do escárnio das elites frente à pachorra do estado em determinar que eles não mais poderiam possuir pessoas, os tambores são substituídos por acordes dedilhados de um violão que continua até o trecho final do relato, no qual toques – agora ritmados – de um agogô marcam a transição do trecho irônico para o relato sério dos fatos, que, a saber, era o da decisão tomada pelo então Ministro das Finanças Rui Barbosa de queimar todos os registros sobre a escravidão que estavam nos arquivos nacionais.

Frente ao projeto de apagamento, não só histórico, mas sobretudo social e econômico do negro – que foi posto em prática desde a abolição e perdurou durante todo o Século XX, conforme explanado por Abdias Nascimento (2020), metaforizado na introdução do episódio pelo silenciamento dos atabaques substituídos por um instrumento de cordas de origem europeia descrito no parágrafo anterior –, o programa em análise vai refletir com maior ênfase acerca do seguinte duplo processo: por um lado, pessoas brancas, em sua maioria, conseguem facilmente mapear suas genealogias até chegarem ao local de origem de seus antepassados não importa o quão ermo ou remoto seja o vilarejo ou a cidadela de onde estes partiram na Europa antes de atravessarem o Atlântico; por outro lado, mapear esta genealogia em nível pessoal para os afrodescendentes é, até os dias de hoje, algo tido como praticamente impossível para a maioria de nós.

É, portanto, a partir dessa dicotomia que o episódio em análise vai se desenvolver, apontando as estratégias utilizadas pela jornalista e escritora Eliana Alves Cruz para, na contramão desse sistema de apagamento de nossa genealogia afrodescendente, não só

conseguir montar a árvore genealógica de sua família como também escrever e publicar um dos romances mais impactantes acerca da vida do negro no Brasil pré e pós-abolição.

SE OS DOCUMENTOS FORAM QUEIMADOS, COMO SABER DE ONDE VIEMOS?

Conforme a própria Eliane Alves Cruz atesta para Tiago Rogero no Episódio 1 do *Vidas Negras*, por muito tempo, por mais interessada no assunto que fosse, a grande maioria das pessoas negras, incluindo ela, foi limitada pela crença de que é impossível rastrear nominalmente, no plano da individualidade, os nossos antepassados africanos trazidos a força para o Brasil. O principal motivo dessa crença limitante é a já citada ação de Rui Barbosa, então Ministro das Finanças da recém-proclamada República, de queimar, em 1890, todos os documentos oficiais acerca da escravidão com o intuito – aparentemente nobre – de não pagar a indenização cobrada pelos antigos senhores de escravos ao tesouro brasileiro.

A fim de subverter essa barreira inerente à ausência de documentação, a participação da escritora no bate-bapo com Tiago Rogero vai centrar-se – muito mais do que em responder à pergunta que dá título ao episódio: *De onde a sua família veio?* – em indicar *como* ela conseguiu responder a esta questão e ainda tornar pública a sua resposta no formato de um engenhoso romance histórico.

Nesse sentido, logo na primeira aparição de sua voz no episódio, antes mesmo de ter sido apresentada pelo locutor, Eliana fala: “nós temos Memória dentro da nossa casa, a gente é que não acessa, né? Essa Memória ela tava ali o tempo todo, um pedaço com cada um, só que não tem ninguém que faça esse trabalho de reunir essas memórias, né, de montar esse quebra cabeça.” (*Vidas Negras* #01, 2020, 5:59 – 6:16). Ou seja, nos faltam *griots*, guardiões e profetas da palavra apagada pela força do fogo, não só de Rui Barbosa, mas, sobretudo, o fogo intrépido do racismo.

Vivemos uma sociedade tão refém da palavra escrita, gráfica, impressa, que parecemos ter esquecido completamente que a fonte originária de qualquer informação ou episteme, do próprio ato comunicacional em si é a memória (Habermas, 1989). Acerca dessa noção, o historiador burquinense Joseph Ki-Zerbo nos diz: “a menos que optássemos pela inconsciência e pela alienação, não poderíamos viver sem memória ou

com a memória do outro. Ora, a história é a memória dos povos” (Ki-Zerbo, 2010, p. XXXIII).

Foi, portanto, explorando essa memória incrustada dentro de sua própria casa que Eliana Alves Cruz começou a resolver o quebra-cabeça que permitiu com que ela remontasse a árvore genealógica de sua família. E entre essas peças havia uma que, nas palavras da autora, seria a “pedra de roseta” de sua família: “A Tia Nunu foi a pedra de roseta da minha família, né. A gente conseguiu decifrar todo o passado por intermédio dela” (Vidas Negras #01, 2020, 34:27-34:38). Tia Nunu, uma das personagens centrais de parte do romance *Água de barrela*, é irmã da avó de Eliana. A autora a descreve e explica a importância dessa mulher para a criação de seu romance da seguinte maneira no episódio:

nós temos uma tia avó diagnosticada com esquizofrenia e ela vive assim... é como se ela tivesse congelada lá naquele tempo, lá no tempo quando ele era criança, mocinha. Ela nasceu 1921, então é como se ela vivesse lá no final dos anos 20, quando ela tinha 9, 10 anos, ela lembra de coisas que é um negócio muito assustador a memória daquela mulher, né? E aí quando eu comecei a pesquisar sério para escrever o livro? Uma das minhas tias falou assim: por que você não vai conversar com ela? E eu falei, caramba, como é que eu vou acessar essa memória? [...] Aí eu inventei uma viagem para cachoeira, falei: oh, tia, olha só, semana que vem eu vou ao Recôncavo. Você quer que eu mande lembrança para alguém? Aí ela começou: ah, quero sim. Quero que você mande lembrança para Dasdô e quero que você mande lembrança também pra fulana, fulana, beltrana e não sei o quê. E foi me abrindo uma série de nomes. E aí eu fui, né, aos pouquinhos: ah, mas fulano morava aonde? Ei, mas por que que ele era chamado assim? E esse lugar, como é que era? Ah, era lindo, tinha pé disso, tinha pé daquilo... (Vidas Negras #01, 2020, 32:35-33:52)

Nesse ponto da fala da Eliana, o som de sua voz entra em *fade-out* e é sobreposta pela voz de Tiago Rogero, que passa a explicar o trabalho de pesquisadora e de jornalista da escritora no processo de produção de seu romance. Na sequência, o que importa ressaltar é que muitas das informações obtidas a partir da memória da “Tia Nunu” e colhidas pela Eliana por meio da oralidade foram confirmadas por pesquisadores e historiadores de renomadas universidades, como o Professor Walter Fraga Filho, da UFRB, e o historiador e pesquisador Cacau Nascimento, mestre pela UFBA.

A partir deste movimento de utilização da memória e da oralidade como fonte de conhecimento tanto genealógico quanto histórico, Eliana Alves Cruz conseguiu provar que o incêndio que queimou os documentos escritos/impressos acerca de nossos antepassados não conseguiu apagar o que não se queima, ou seja, o modo tradicional,

herdado de África, de se produzir, guardar e disseminar, nos termos de Hampaté Bâ (2010, p. 171), saberes, querer e poderes.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Kelly Maria Ayala de; SALDANHA, Gustavo Silva. O som que o documento tem: o podcast e o princípio monográfico. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6807>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. Na voz de Lena Roque. Rio de Janeiro: Malê, 2022. Audiobook. Duração: 11h e 39min. Disponível em: <https://www.audible.com.br/pd/Agua-de-Barrela-Audiobook/B0CJ8C92BZ>

HABERMAS, J. **Consciência moral e Agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: História geral da África I: metodologia e pré-história da África. Editor: Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In: História geral da África I: metodologia e pré-história da África. Editor: Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXXI-LVII.

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Estudo sobre os griots e griotes africanos: a ressignificação da tradição na modernidade. **Anais das Semanas de Geografia da Unicamp**, p. 9-14, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Na voz de Jeferson Alves. São Paulo: Perspectiva, 2024. Audiobook. Disponível em: <https://www.audible.com.br/pd/O-Genocidio-do-negro-brasileiro-Audiobook/B0DHFV4CMKY>

SILVA, Ágatha Contursi César Spiegel da. **A utilização de novas mídias digitais como fonte de informação**: um estudo exploratório sobre podcasts. Trabalho de Conclusão de Curso. 2019. Disponível em: https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8673/TCC_Agatha_Contursi.pdf. Acesso em 18 abr. 2025.

VIDAS NEGRAS #01: De onde a sua família veio? Locução de: Tiago Rogero. Convidados: Eliana Alves Cruz, Vera Eunice de Jesus Lima e Tom Farias. Rio de Janeiro: **Rádio Novelo**, 04 nov. 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/6yUEbN6U9IFRjQXDMosmCM?si=CkJebaH6S8ym0xJbn236_Q. Acesso em 18 mar. 2025.